

Pedagogias Negrorreferenciadas:

Carnaval e Hip-Hop como Territórios de Aprendizagem e Contracolonização.

Gabriella Maria de Oliveira Cerqueira da Silva¹

Andre Luiz das Graças de Sá²

Resumo

Este trabalho propõe compreender o Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro e o Hip-Hop como pedagogias negrorreferenciadas. Analisando suas emergências históricas, a pesquisa mostra como ambas as expressões culturais, originadas em contextos de resistência negra e periférica, funcionam como territórios de aprendizagem e afirmação identitária.

Palavras-Chave: Pedagogias Negrorreferenciadas; Carnaval das escolas de samba; Hip-hop; Resistência.

Resumen

Este trabajo propone comprender el Carnaval de las escuelas de samba de Río de Janeiro y el Hip-Hop como pedagogías *negrorreferenciadas*. Analizando sus emergencias históricas, la investigación muestra cómo ambas expresiones culturales, originadas en contextos de resistencia negra y periférica, funcionan como territorios de aprendizaje y afirmación identitaria.

Palabras claves: Pedagogías *Negrorreferenciadas*; Carnaval de las escuelas de samba; Hip-hop; Resistencia.

1. Introdução

Entre o carnaval e o hip-hop, entre os corpos que dançam, rimam e grafitam, emergem pedagogias que ensinam a viver, resistir e imaginar outros modos de produção de saber. Assim, este trabalho propõe compreender o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro e o hip-hop como pedagogias negrorreferenciadas que constroem conhecimentos a partir do corpo e da rua, articulando saberes coletivos, temporalidades outras e corporeidades insurgentes. Partindo de uma breve contextualização histórica de seus surgimentos, buscamos refletir sobre como essas expressões culturais se afirmam como territórios de aprendizagem e resistência.

¹ Mestranda em Educação; Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; gabriellamocs@gmail.com

² Mestrando em Educação; Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; andre.desa3@gmail.com

As primeiras escolas de samba surgiram no Rio de Janeiro na década de 1920, fortemente marcadas pela presença negra, pelas tradições afrodiáspóricas e pelos modos de vida dos subúrbios e favelas da cidade. Como afirmam Rufino e Simas:

as culturas africanas, aparentemente destroçadas pela fragmentação trazida pela experiência do cativo, se redefiniram a partir da criação de instituições associativas (zungus, terreiros de santo, agremiações carnavalescas etc.) de invenção, construção, manutenção e dinamização de identidades comunitárias. (Rufino; Simas, 2018, p. 55).

Foi nesses espaços que o samba, enquanto gênero musical, prática cultural e expressão política, se consolidou como identidade, pertencimento e resistência de corpos majoritariamente negros. Entender o surgimento das escolas de samba é também reconhecer um movimento coletivo de resgate da ancestralidade, de pertencimento e de afirmação de identidades negras. Esse movimento de resgate ancestral, gerou desfiles que misturavam saberes cotidianos, memória, música, ritmo, dança e artes visuais, transformando o carnaval das escolas de samba em uma expressão cultural viva, como a que conhecemos hoje.

O hip-hop como movimento emerge nos anos de 1970, em Nova York (EUA), mais especificamente no sul do bairro do Bronx, local de maioria de população negra e latina. Não há consenso sobre quem pode ser considerado o criador do Hip-hop, com estudiosos afirmando ser o DJ Afrika Bambaataa e outros o DJ Kool Herc. Naquele contexto, o Bronx era dominado por gangues de jovens armados e dispostos ao conflito. A guerra só parou com um tratado de paz construído pelos membros desses grupos, onde foram delimitados os espaços de cada grupo, além de propor a proteção de suas famílias e da vizinhança que só foi possível através do contato com o que era o início da cultura Hip-hop, em que jovens de gangues diferentes se reuniam em festas tidas como momentos de trégua (Santos, 2018).

A maioria dos pesquisadores e sujeitos inseridos no Hip-hop vão trabalhar com a ideia do movimento formado por 4 elementos, o DJ, o MC, o *Breaking* e o *graffiti* que são permeados por um 5º elemento, o conhecimento.

O DJ é a alma, a essência e a raiz da cultura, responsável por criar técnicas musicais; o MC é o cérebro e a consciência, que pode ser representado pelo cantor de rap (Rhithm and Poetry – ritmo e poesia), a expressão musical e verbal da cultura; o *Breaking* é um dos primeiros elementos a surgir tendo como característica a expressão corporal; o *Graffiti* é o meio de expressão por meio da arte visual; o Conhecimento surgiu posteriormente aos demais elementos para evitar que a cultura desaparecesse, ao conferir-lhe um papel fundamental na formação dos jovens. (Silva, 2019, p. 90)

A chegada do movimento Hip-hop no Brasil coincide com o fim da ditadura militar, a constante repressão e violência policial nas favelas de São Paulo naquele período e a revolta da juventude afro-brasileira fazem com que o Hip-hop se torne um dispositivo de resistência e de denúncia da opressão policial e do genocídio da população negra (Silva, 2019).

2. Territórios Políticos de Corporeidade: A Afirmação dos Saberes Negros na Rua.

O carnaval, com suas batidas e ritmos, revela saberes que a sociedade tenta silenciar, tornando-se um campo de disputa entre formas de vida e epistemologias. Para compreender tal reflexão, recorro a Simas e Rufino (2018), que apontam como a experiência da escravidão africana nas Américas gerou dispersão, morte simbólica e ruptura dos laços comunitários. No entanto, também gerou formas de reconstrução e invenção de identidades por meio da criação de instituições associativas, como os terreiros e as escolas de samba carnavalescas (Simas; Rufino, 2018, p. 55). Nesse sentido, as escolas de samba são herdeiras dessas tradições, ocupando um papel essencial na construção do sentimento de pertencimento e na preservação de saberes ancestrais.

A vista disso, é possível pensar as escolas de samba não apenas como expressões culturais ou manifestações artísticas, mas como territórios políticos de corporeidade e fronteiras onde emergem mundos outros como resposta à fragmentação provocada pela escravidão e pelo racismo estrutural. O samba, nesse sentido, é gesto, é corpo, é inscrição que atravessa normas e desafia hierarquias. Desta maneira, Simas (2019), nos convida a pensar o potencial educador do carnaval, ao dizer que: “Foi escutando samba-enredo que, ainda menino, ouvi falar da Guerra de Canudos (torci pelos jagunços), da literatura de Lima Barreto, do saber poético da literatura de cordel, da Invenção de Orfeu, do drama da seca do Nordeste e das lendas do Maranhão.” (Simas, 2019, p. 70)

Esse relato evidencia como o carnaval se configura como espaço de aprendizagem e construção de saberes, onde se aprende ritmo e dança, mas também história, respeito e ancestralidade. Não é por acaso que os conhecimentos produzidos nesses territórios são vistos como perigosos para uma sociedade marcada por estruturas coloniais. Como lembra Simas: “O carnaval é perigoso. O controle dos corpos sempre foi parte do projeto de desqualificação das camadas historicamente subalternizadas como produtoras de cultura.” (Simas, 2019, p. 79). A potência simbólica do carnaval ameaça o pensamento hegemônico colonial cristão, pois evoca outras epistemologias, outras formas de estar no mundo e de produzir sentido.

O conhecimento gerado no carnaval, com suas narrativas afro-brasileiras e de resistência, não é mera performance, mas um ato político e educacional, imprescindível para o reconhecimento da cultura negra e de sua ancestralidade. Diante disso, é urgente que o carnaval seja concretizado como uma realidade educativa vivida, não como uma disputa, mas como um ato de defesa da (re)existência e da afirmação dos corpos pretos.

Em continuidade a essa discussão, a cultura Hip-hop funciona como um terreno de lutas, ao entrar nas produções dessa cultura os sujeitos terão contato com temáticas relacionadas a raça, gênero, sexualidade entre outros temas relevantes socialmente, portanto esse movimento possui um grande potencial educativo, com seus próprios códigos de condutas e rituais (Silva, 2019).

O corpo no Hip-hop toma o lugar central, Silva (2019, p. 168) afirma que: “a estética do Hip-Hop é fruto das culturas trazidas nos corpos dos escravizados”, nesse sentido se movimentar através da música e da luta era uma forma de resistência e agência dos sujeitos negros no período colonial, e assim o Hip-hop na contemporaneidade permanece nesse processo de agencia através do corpo. Segundo Santos (2018) o Hip-hop enquanto movimento propõe reflexões pautadas nas linguagens artísticas da dança, no desenho da oralidade e da música, a união de todas essas expressões artísticas em um único movimento torna possível refletir sobre a capacidade humana de associação e o compartilhamento de ideais e experiências, que são necessárias para conhecer e mudar o mundo.

Andrade e Costa (2017) trazem uma discussão sobre os espaços educacionais para além do espaço da escola, entendendo a partir de Henry Giroux que a pedagogia se dá a partir de diversos espaços que não só a escola. Nesse sentido, a cultura para o autor opera de forma pedagógica no sentido de educar os sujeitos. o carnaval e o Hip-hop podem ser vistos como pedagogias, mas propomos ainda avançar no sentido de que, mais do que isso, são pedagogias negrorreferenciadas, em que suas bases são construídas por sujeitos negros e negras, em contato com as culturas africanas, configurando pedagogias afrodiáspóricas, que embora tenham se desenvolvido em partes distintas do globo, ambas carregam saberes ancestrais dos mais diversos povos africanos e valorizam aspectos que são renegados pela cultura eurocêntrica colonial, ao construir conhecimento com o/pelo corpo, com a/pela rua, a partir da coletividade.

Desse modo, caminhando ao encontro de Antônio Bispo dos Santos (2023), somos convidados a pensar no carnaval, e de modo semelhante o hip-hop, como movimentos de contracolônização, onde a cultura negra se afirma sem pedir permissão, sendo gestos de

resistência viva e transformadora. Assim, pensar o carnaval e o Hip-hop como pedagogias negrorreferenciadas é questionar a educação numa perspectiva colonial, em que o saber se encontra numa dualidade cartesiana, mente x corpo, é questionar o modelo tradicional de escola em que o corpo não faz parte da aquisição de conhecimento, quando pensamos em pedagogias negrorreferenciadas estamos tratando, dialogando com Santos (2023), de uma pedagogia da relação que se relaciona com o corpo, com a rua, com a natureza, que se relaciona com África e a ancestralidade, em que a rua é esse lugar de se relacionar, de construir saberes através do corpo, de sentir.

É notável as aproximações do carnaval com o Hip-hop ao pensar como ambos trabalham com o corpo como potência, seja através do break ou do samba, da oralidade, que em muitos momentos em vista como um problema na escola tradicionais, nos espaços das escolas de samba ou nas rodas de rima são valorizados, a arte visual não é feita para ser apreciadas e entendida por poucos, mas para ser inteligíveis, seja através do grafite ou dos carros alegóricos e das fantasias, essas pedagogias querem contar histórias que serão ouvidas e entendidas, a partir de uma lógica do compartilhamento. Assim, reafirma-se que a educação também pulsa nesses espaços, onde memória e corpo se entrelaçam para resistir e recriar sentidos para a história.

Referências

ANDRADE, Paula Deporte De; COSTA, Marisa Vorraber. NOS RASTROS DO CONCEITO DE PEDAGOGIAS CULTURAIS: INVENÇÃO, DISSEMINAÇÃO E USOS. *Educação em Revista*, v. 33, n. 0, 2017.

SANTOS, Maria Aparecida Costa Dos. *O universo hip-hop e a fúria dos elementos*. 2017. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023. (Obra completa)

SILVA, Cristiane Correia Dias Da. *Por uma pedagogia hip-hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica*. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio. *O corpo encantado das ruas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (Obra completa)

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. (Obra completa)